

EDITORIAL

Para além do *ad gentes*

O décimo primeiro encontro do Centro de Estudos Missionários Latino-Americano (CEMLA), aconteceu em Mazatlán, México, de 6 a 10 de março de 2023. Estavam presentes Rafael López Villaseñor e Estêvão Raschiatti da Região Brasil Sul; Raymundo Camacho Covarrubias da Região Brasil Norte; Gerardo Custodio López da Região do México; Marta Barral Nieto, leiga xaveriana da Espanha que trabalha no Alto Solimões, AM, Brasil; Elisa Silva, Missionária de Maria-Xaveriana da Região do México. Conectaram-se on-line conosco do Brasil as Missionárias de Maria-Xaverianas Elisabete Miguel Espinhara e Tea Frigerio, e do México Jorge Alvarado, leigo xaveriano. Juntos, analisamos os artigos elaborados por cada um e cada uma durante o ano de 2022, abordando o tema principal que nos propomos sobre: **“O carisma missionário ad gentes é ainda relevante? Há 40 anos das constituições de 1983”**.

As constituições xaverianas pós-conciliares são sem dúvida o nosso documento-mãe: podemos compará-las ao Documento de Medellín para as Igrejas da América Latina. Todavia, sabemos que desde então as conjunturas históricas mudaram, as teologias da missão avançaram significativamente, a crise dos institutos missionários não encontrou caminhos de saída, de consequência algumas perspectivas desse documento estão sendo questionadas em sua consistência e atualidade.

Não ousamos aqui elaborar um estudo crítico sobre o texto, sua preparação e suas recepções. Seria muito interessante empreender tal tarefa, até porque permanece o melhor documento referencial que temos, denso, expressivo e mais bem fundamentado. Optamos por apontar alguns temas para a reflexão, pois acreditamos que a missão *ad gentes*, *ad extra* e *ad vitam* hoje, tem que passar por uma profunda ressignificação para não se tornar um

cliché anacrônico, esvaziado de seus conteúdos e de seus apelos na atual conjuntura histórica.

Em primeiro lugar, Jorge Alvarado nos provoca a não ficar indiferentes diante das involuções antidemocráticas sofridas em nossos países latino-americanos. Uma militância evangelizadora em tal sentido não estaria em sintonia com o compromisso da missão *ad gentes*? Não há dúvida que processos políticos autoritários, incentivados pelo poder econômico capitalista, com a frequente complacência ou omissão dos quadros eclesiais de nossas igrejas, com o apoio de muitos setores católicos conservadores, configuram situações que em nada se remetem a uma ética cristã e que necessitam novamente de um primeiro e radical anúncio que toque os corações e que redirecione projetos de vida.

A missão, como nos lembra Gerardo Custodio, é tarefa primordial de toda a Igreja e não carisma específico de um instituto de vida consagrada. Novos paradigmas missionários surgidos nas últimas épocas, não redesenham apenas o mapa da missão assim como a teologia da missão, mas também retomam um profundo sentido identitário da própria Igreja, em torno do qual ela é chamada a reconfigurar a si mesma. Nesse processo de reconfiguração, a adoção da prática do diálogo em vários campos da ação evangelizadora não é só consequência de uma redefinição da missão, mas, antes de tudo, uma condição para esta redefinição: um eixo norteador ao redor do qual tecer debates, alianças, comprometimentos e projetos comuns junto aos outros.

Nessa direção, Estêvão Raschiatti aprofunda a missão como uma ampla e profusa cooperação missionária. O conceito de “cooperação” se fundamenta essencialmente na eclesiologia conciliar da Igreja local, protagonista da missão, que conta com a colaboração e a solidariedade de outras igrejas para desempenhar o seu principal e único mandato que é anunciar o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15). A todas as igrejas incumbe o compromisso de evangelizar em seu próprio contexto sociocultural e cooperar com a missão de outras igrejas em seu distinto contexto sociocultural. A noção da missão como cooperação vem a suplantar a velha noção das “missões estrangeiras”.

Um dos principais entraves para uma decidida renovação missionária da Igreja, como também dos próprios institutos missionários, é a cultura do clericalismo. Não há como negar um preocupante retrocesso neste sentido nas últimas gerações de presbíteros e seminaristas. Nesse fenômeno enxergamos uma problemática descontinuidade com a renovação conciliar. Desclericalizar a missão deve constituir para nós um ponto decidido de reforma da noção e a da prática evangelizadora, é o que sustenta Rafael Lopez. Estilos de vida e práticas pastorais clericais, ostentados ou disfarçados, têm a ver com anseios de poder quando também com compulsões de exibicionismo, um contratestemunho que bate de frente com a vocação missionária da Igreja.

Em linha com esse destaque, a leiga xaveriana Marta Barral aborda o tema do laicato missionário, eclipsado por certas mentalidades clericais. Esse é um assunto que a Igreja precisa aprofundar, de maneira que a vocação missionária não seja restrita à Vida Consagrada e menos ainda ao ministério ordenado. Os leigos e as leigas não são isentos de um chamado específico por não ser religiosos ou presbíteros. Eles não são “hospedes” na Igreja e sim integram essencialmente o mistério da Igreja. E se a Igreja é “por sua natureza missionária” (AG 2), é evidente que também aos leigos corresponde assumir a sua responsabilidade na missão e, mais especificamente, na missão *ad gentes* como sujeitos ativos dela. A Família Xaveriana tem muito caminho a percorrer neste aspecto.

A questão do primeiro anúncio foi assunto do artigo de Raimundo Camacho que retrata a ação evangelizadora da Igreja junto ao povo indígena Mebengôkrê ou Kayapó. Sinais de avanço, de retrocesso e de descontinuidade marcaram essa caminhada missionária. O anúncio da Boa-Nova do Reino não é jamais uma imposição, mas uma oferta feita na proximidade e no encontro, com o diálogo, a presença e o anúncio. O discernimento sobre a hora certa desse anúncio não depende da programação dos missionários e das missionárias: o anúncio não é um evento, mas se insere em um processo complexo de relação e partilha com os povos indígenas. É a convivência, a experiência histórica e a necessidade de cada povo que determina a agenda da evangelização.

Outro desafio que abordamos é o da realidade juvenil junto às perspectivas da animação missionária vocacional. Elisa Silva analisa o fenômeno, nos oferecendo um texto para a reflexão que rendeu um bom debate no nosso encontro. Com certeza, mergulhar nos mundos dos jovens hoje requer uma profunda atitude de gratuidade, de escuta, de entrega e de acolhida. É um campo que nos convida a enxergar muito mais as potencialidades e os valores do que as fragilidades impostas pelas conjunturas históricas e pela cultura líquida. Diante de um panorama complexo e generoso, também a missão necessita se desdobrar em suas propostas ousadas, significativas e cativantes.

Beth Espinhara, por sua vez, retoma o tema da catequese missionária que, junto ao primeiro anúncio, configura o compromisso inalienável da evangelização em relação à iniciação cristã. Precisamos passar de uma catequese preceptista para uma catequese querigmática, cujo fio condutor do processo tem como finalidade levar a pessoa ao encontro vivo com Jesus. É fundamental que haja uma formação que torne as pessoas sempre mais conscientes de serem chamadas e enviadas a anunciar o Reino no próprio ambiente onde se encontram como também fora dele. O tempo da catequese é terreno propício para fazer florescer a vocação missionária.

Enfim, a reflexão bíblica de Tea Frigerio nos conduz ao poço de Sicar, no encontro de Jesus com a samaritana e, ao mesmo tempo, no encontro com as lideranças da Diocese de São Gabriel da Cachoeira, AM, no Alto Rio Negro. É um encontro entre águas e sedes: umas interpelam outras. Quem está satisfeito com a própria água não procura outra. Sentar-se junto a um poço, pedir água, é reconhecer que precisamos aprender, escutar, reconhecer, acolher, conviver, num diálogo em pé de igualdade. Nossa sede mais latente, pode ser fruto da ausência de reconhecimento e de diálogo com quem está mais próximo de nós. Nossos preceitos e nossas certezas acerca da missão impedem discernimentos mais aprofundados sobre a realidade pluriversal que nos rodeia.

Descolonizar, desclericalizar, desvincular a missão de projetos pessoais, congregacionais e institucionais, com seus resquícios proselitistas, etnocêntricos e eclesiocêntricos, é o caminho que nos espera apesar de uma conjuntura geral ostentar um saudoso conservadorismo “retrotópico”. Em jogo não está somente a relevância do carisma de uma congregação missionária, mas algo de fundamental para a vida da Igreja: ou nós encaramos os desafios missionários por como eles se apresentam hoje para além do *ad gentes*, ou nós embarcamos de volta a um imaginário pré-conciliar, ficando insignificantes, desconectados, deixando de abandonar as estruturas caducas que já não favorecem a transmissão da fé (DAp 365). Apesar de inúmeras declarações de boas intenções, a prática missionária e a articulação institucional nos parecem ainda muito nebulosas, quando às vezes enveredando por manifestações sombrias.

Ainda queremos voltar a esses assuntos nos próximos encontros do CEMLA.

Queremos concluir agradecendo imensamente a comunidade xaveriana de Mazatlán, que nos proporcionou uma acolhida deliciosa, muito fraterna e extremamente atenciosa. Sentimo-nos em casa como nunca, podendo apreciar também as diversas atividades pastorais na quais os confrades estão engajados.

Marcamos o nosso próximo encontro para os dias 27 de fevereiro a 01 março de 2024, possivelmente em Medellín, procurando envolver os nossos irmãos da Delegação da Colômbia.

Mazatlán, 10 de março de 2023